



REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

V. 13 - 2023

De la Biopolítica a la Big Tech de la postmodernidad al postmarxismo

DA ROCHA, Antônio Carlos

p.39-43

RESENHA

RESENHA CRÍTICA

ITURBE, J. R. De la Biopolítica a la Big Tech de la postmodernidad al postmarxismo. Areté. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2022.

Antônio Carlos da Rocha



CRENCIAIS DO AUTOR

José Rodríguez Iturbe é advogado (Universidade Central de Venezuela, Caracas), Doutor em Direito e Doutor em Direito Canônico (Universidade de Navarra, Pamplona, Espanha). Foi professor na Universidade Central da Venezuela e na Universidade Monteávilla (Caracas). É professor de História e das ideias e Pensamento Político na Universidade de Sabana (Bogotá, Colômbia). Influente na vida política e foi parlamentar. Dirigente democrata cristão. Foi Secretário Geral da Organização Democrata Cristã da América (ODCA). Dirigiu a Revista Nova Política e mora na Colômbia. Autor de livros voltados ao totalitarismo do século XX, dentre outras contribuições.

RESUMO DA OBRA

O livro é composto por seis capítulos que fazem uma síntese da ampla temática. Trata-se da análise de quatro abordagens em uma mesma obra: Biopolítica, Big Tech, Pós-modernidade e Pós-marxismo. Ele se vale de uma série de teóricos para garantir o raciocínio e situar seu leitor numa obra que preocupa com o futuro da humanidade.

No primeiro Capítulo

o autor traz como título “De la Biopolítica a la Big Tech De la postmodernidad al postmarxismo”. Iturbe vale-se de diversas teorias para construir a sequência no raciocínio e caminhar em direção às ideias subsequentes mostrando que a nova linguagem orwelliana é uma ferramenta ideológica, uma narrativa anti-humana que inverte a real necessidade. Diz que na pós-modernidade vivemos o mundo das narrativas, que não se trata da verdade, mas de convencer. Para ele houve a tentativa de conciliar a psicanálise com o marxismo, mas ao final criaram a narrativa anticultural que hoje é a narrativa dominante. A pretensão de fazer da razão egocêntrica uma regra, distanciando-se da fé cristã proporcionou o erro que a deformou. O combate ideológico estimulou as guerras e o fanatismo, politicamente incorreto. Atualmente três situações merecem a atenção – o contexto social, o contexto mental, ou psicológico, além do contexto ambiental frente as reações paranoicas atuais. Ele apresentou críticas ao vacilo marxistas que parece ter preocupado mais com o que

¹ Doutorando na Universidad de Palermo, ARG. Magister en Ciencias de la Educacion – Universidad Del Sol – UNADES - PRY. Especialização lato sensu: Gestão Escolar (Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção) Faculdade Dominius, FAD – BA. Ciências da Educação, FAP - ES. Filosofia da Educação, FAP – ES. Didática e Metodologia do Ensino Superior, UNEOURO – RO. Licenciatura Plena em Pedagogia, UNIR – RO. email: tiotoninhoopo@hotmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8917-7838>

desejou destruir do que com o que poderia construir e faz críticas a nova esquerda, capaz de negar a Deus. E último, o autor fala na incerteza com a estrutura globalista que impõe um pensamento único e as plataformas digitais particulares que visam a privatização do público.

No segundo capítulo

O autor tratou do Mito secularista do politicamente correto centrado da corrente francesa e norte-americana, onde os norte-americanos concentram-se na liberdade de expressão e a corrente francesa centram na linguagem e imposição de pensamento. Percebe-se que o politicamente correto direciona ao imaginário coletivo, mas confunde igualdade com equidade, igualdade está relacionado à correção política e equidade é o oposto, justiça. Percebe-se que o politicamente correto visou dogmatizar a linguagem e se tornou a nova inquisição configurando no totalitarismo do século XXI, capaz de fazer a crítica e ter resistência a ela, segundo as análises. Viu-se que nem todos os que se intitulam progressistas comungam desse progresso e no caso da nova esquerda, o último recurso intelectual.

No terceiro capítulo

Viu-se que toda mudança influencia o sujeito individual e coletivamente e por essa razão as reflexões em torno da Antropologia do globalismo. Segundo a obra, esta foi a etapa terminal da cultura que buscou eliminar toda a referência humana para dar lugar à inteligência artificial, etapa que não se preocupa com a ética, não se preocupa com Deus, com a verdade, mas priorizam o domínio da natureza e o domínio do humano. A inteligência artificial passa a ser a nova matriz do humano e a modernidade começou a ser asfixiada pela pós-modernidade. Ao falar na de Rorty diz que suas teses são tão autoritárias que acredita não ser necessário demonstração das ideias, mas a aceitação e troca a visão religiosa para a concepção política da democracia camuflada pelo que aparentemente proclama. Na verdade, trata-se da inquisição humana é, na verdade, o domínio da natureza humana. Pensa a inteligência artificial como a matriz do humano do poder político global.

No quarto capítulo

A obra trouxe reflexões relacionada às Vanguardas e Totalitarismos para mostrar as novidades do presente que não se limita ao passado, informando que a vanguarda tem relação com um modernismo em crise, portanto faz críticas ao pacto Stalin e Hitler e suas políticas totalitárias. Surgia um modernismo em mudança e a partir dali nascia a revolução técnico-científica que acelerou o domínio do homem sobre a natureza. Quanto ao movimento futurista na Itália vimos o movimento antimonárquico, anticlerical e antissocialista mostrando que o movimento futurista foi fascismo antes do fascismo. Que a vanguarda italiana sempre foi antidemocrática, enquanto a alemã teve a origem nacional-socialista até chegar ao regime nazista com uma arte degenerada.

O quinto capítulo

Tratou do Terrorismo de Estado e a mitologia totalitária para dizer que não se pode defender um totalitarismo e que o totalitarismo é responsável pelo seu próprio fim, que a luta pela igualdade e dignidade é um pretexto para as suas ações. O autor critica Hitler e Stalin como símbolos políticos totalitários mostrando que havia uma mútua admiração entre ambos acrescentando que a mentalidade totalitária é patológica e essa patologia está mais a serviço da paixão de que dá razão. Viu-se que Hitler foi apagado na Guerra, mas Stalin, pelo contrário, foi premiado. Conforme mostra o texto, a luta totalitária com enfoque na liberdade e dignidade humana. Enquanto Mussolili implantou a ditadura da nação, Hitler implantou a ditadura do racismo. A

primeira durou mais que a segunda. Percebe-se que o argumento totalitário se sustenta mais na paixão que na razão política.

No sexto capítulo

Ao falar na cultura prometeica, o sagrado e a ecologia profunda, passamos a outra dimensão do contexto histórico onde se vê que o sagrado, desde os tempos remotos, não foi visto como a liberdade infinita do ser humano a imagem e semelhança de Deus, na verdade foi uma busca pela liberdade infinita do próprio homem. Para o autor, a ausência desta relação com Deus foi o que distanciou o homem e o pôs em alienação com um comportamento anti-humano. Não percebendo a dimensão do outro, a relação interpessoal, a vida perde sentido e o individualismo extremado se tornar anti-humano. Quanto a ecologia profunda, ela é biocêntrica que difere da ecologia tradicional originada no antropocentrismo. A ecologia visa a autorrealização, independentemente dos critérios da ação humana, muitas vezes é anti-humano. Apesar de exaltar a natureza, a ação, em nome do progresso, se torna, também, antinatural ao destruir as reservas naturais em nome do progresso. Em relação ao indigenismo, do ponto de vista científico, analisa a obra que, a terra indígena do ponto de vista antropológico é uma unidade natural, mas ao mesmo tempo, é perceptível um indigenismo ideologizado com os argumentos do bom selvagem traz consigo um racismo que é quase invisível. Enfim, encerra-se as análises mostrando que, tanto o nazismo, quanto o esquerdismo, com a obsessão de acabar com o humanismo de forma neurótica tem responsabilidade nestas ações.

CONCLUSÃO DO RESENHISTA

Em princípio, percebemos que as diversas teorias apresentadas pelo autor trazem informações como ferramentas ideológicas e narrativas que discutem as ações reações anti-humanas, que se trata do período das narrativas que não importa se se trata da verdade, o mais importante, neste caso, foi o convencimento. A conciliação da psicanálise com o marxismo serviu de narrativa anticultural, hoje dominante, que nega a Deus. E entramos na era digital, recente, com a privatização do público e o despertar do politicamente correto influenciado pelas correntes francesa e norte-americana que confunde igualdade com equidade.

Assim sendo, entramos no século XXI e deparamos com uma antropologia do globalismo, etapa terminal da cultura sujeito a eliminar toda a referência humana para dar lugar à inteligência social. Isso deduz que a inteligência artificial passaria a ser a nova matriz de referência para o humano e asfixiaria a modernidade. Os argumentos sugerem que estaríamos em um modernismo em crise, fruto do totalitarismo, responsável pelo seu próprio fim. As acusações ao nazismo e ao stalinismo deduzem que entre eles havia uma admiração mútua, portanto, não há diferença nas atitudes desses personagens quando se trata de ações políticas e ideológicas.

Em relação à cultura prometeica, viu-se busca pela liberdade infinita do ser humano que deveria ser a imagem e semelhança de Deus, mas no fundo, foi a ausência dessa relação com Deus que distanciou o homem de Deus e o tornou anti-humano. Enfim, todos os contrastes deram a obra uma dimensão que traduziu uma extensa análise em uma síntese ideológica, pela dimensão da produção. Da biopolítica à Big Tech e da pós-modernidade ao pós-marxismo, muito se construiu, ou destruiu, em nome da modernidade. Um

contexto que envolveu aventuras, totalitarismo e análise crítica de diversos autores, ora para apresentar a aventura, ora para questioná-las.

CRÍTICA DO RESENHISTA

A primeira observação que fazemos em relação a esta obra está na dimensão ampla das análises, pois o do livro é abrangente, com a apresentação de temas polêmicos capazes de proporcionarem extensos debates. A síntese, exigiu muita cautela e domínio do proposto, um leitor pouco conhecedor do contexto social, em dimensão global, pode ter dificuldades para absorver o raciocínio que é crítico e pertinente. se observarmos com cautela, podemos dividi-lo em quatro: Biopolítica, Big Tech, pós-modernidade e pós-marxismo, ambos são temas discutíveis, mas foram sintetizados em apenas uma obra.

Quanto as análises críticas do autor em relação aos temas abordados, achamos pertinentes, tanto na apresentação dos críticos, quanto as informações e narrativas usadas como ferramentas ideológicas de ações anti-humanas, narrativas que não tratam da verdade, mas tem como objetivo primordial, convencer. Vimos que as análises em relação ao fanatismo político, ao egocentrismo e a negação de Deus, como ponto de partida da criação, feitas pelo autor, também tiveram a sua pertinência. Não diferente, as críticas à estrutura globalista e ao totalitarismo do século XXI, a eliminação da referência humana e a substituição da inteligência artificial como a nova matriz do conhecimento.

As dúvidas, que podem estar relacionadas ao nosso pouco conhecimento sobre o contexto histórico global, apresentado pelo autor, está nas críticas imputadas dando maior ênfase a esquerda. É óbvio o fanatismo que se teve no pós-marxismo, o negacionismo de um Deus supremo, posicionamento que é divergente em estudiosos de Marx. A dúvida que inquietou está relacionada à percepção de que apesar das críticas ao autoritarismo de Hitler e Stalin que são pertinentes do ponto de vista antropológico e o desastre na conduta humana causados por esses atores, há alguém ou algo que não apareceu nas análises como deveria e tem responsabilidade nos desvios do momento. Uma estrutura macroeconômica política e ideológica concentrada em minorias que manipula e controla os humanos.

É evidente que houve um totalitarismo impregnado nas ações autoritárias, mas a luta nasceu para contrapor um poder que era absoluto e continua controlando os seres humanos e foram essas iniciativas que oportunizaram as evoluções atuais por quebrarem a hegemonia da Igreja e o poder das Monarquias absolutas. É necessário perceber que no decorrer deste contexto histórico, há algo sutil que infiltrando nas iniciativas, induzem a distorção das ideias e esses invisíveis aparecem ilesos em muitas análises. Personagens como Hitler e Stalin foram ditadores e autoritários tanto quanto outros, mas dentro das iniciativas revolucionárias precisamos extrair os avanços e as conquistas que estão presentes na boas intenções, assim como, as distorções presentes neste contexto.

Ao discutir as correntes de pensamento nesta amplitude, seus avanços ou retrocessos, precisamos olhar para outro viés. Se de um lado é evidente que há uma esquerda que falhou, do outro lado há uma direita que busca a todo custo centralizar seu poder sutil e precisa ser discutida com a mesma intensidade. Não se trata da defesa ou acusação das vertentes, mas analisar os extremos é necessário no momento. Não parece justo olhar o que sucedeu e responsabilizar as correntes de esquerda pelos desmandos recentes e o argumento não significa uma defesa das ações indesejadas do irracional esquerdismo. A análise sugere que devemos estar atentos ao que poderá vir a suceder no momento em que se instala uma inteligência artificial em quase todos

os lares controlada por minorias que não aparecem, com tanta precisão nas análises do autor, exceto se equivocamos na interpretação.

INDICAÇÕES DA RESENHA

A resenha pode ser útil a estudantes e professores de História, Filosofia e Sociologia, aos leitores que não tiveram acesso a obra e reflexões deste autor que tem outra nacionalidade. O estudo é pertinente, também, aos militantes do movimento sindical e movimentos sociais, pois as análises críticas ajudam no entendimento da trajetória humana do século XX, com projeções importantes para se pensar na atualidade e o futuro.